



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

Lincoln Correia Milhomens de Araújo – 180147269

MAGIA NA LITERATURA:

Elos e cisões entre a Medeia euripidiana e *Medea Mina Jeje*, de Rudinei Borges dos Santos

BRASÍLIA – DF

2023

Lincoln Correia Milhomens de Araújo - 180147169

MAGIA NA LITERATURA:

Elos e cisões entre a Medeia euripidiana e *Medea Mina Jeje*, de Rudinei Borges dos Santos

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes

BRASÍLIA – DF

2023

Agradecimentos

Aos meus ancestrais, especialmente vovó Maria de Fátima e vovô João José, que abençoam meu caminho e permanecem acalorando minha vida graciosamente.

Aos meus pais, Joécio e Christianne de Fátima, que me orgulham e me mostram diariamente a força do ato de amar.

Ao meu irmão, Nicolas, sossego que guia o barco de minha vida.

À minha tia Adriane, vulgo tia Maninha, que acendeu em mim a segurança da escrita e acompanhou generosamente o processo criativo desta monografia.

À toda minha família e meus amigos. Não consigo e nem posso citar um por um, mas cada pessoa que cruzou o sentido de minha existência está acesa em minha mente e em meu coração. Lembro de vocês, que sempre me incentivaram, direta e indiretamente, e envolvem a poesia de minha vivência.

Ao meu orientador, Professor André Luís Gomes, pela confiança, pela troca, pelos conselhos, pela lembrança da leitura como ato coletivo e pelo afeto de cada momento apreciado.

À Universidade de Brasília, seus professores, demais profissionais e estudantes, meus colegas de curso e amizades realizadas, que me acolheram, ampliaram meu olhar, trocaram conhecimento, sabedoria, risadas, carinho e lágrimas comigo, e me motivaram a ser o melhor de mim. Seria injusto nomear cada pessoa, mas a Professora Luciana Barreto, amiga espontânea, inteligente, sensível, encantadora e inesquecível, representa todos vocês.

À literatura e ao teatro, mistérios formosos, estranhos e deslumbrantes que sempre me cercaram.

Às bruxas e às feiticeiras.

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise comparativa entre as personagens Medeia da tragédia grega escrita por Eurípides e Medea Mina Jeje, da peça do autor paraense Rudinei Borges dos Santos, tendo em vista as respectivas relações com a magia, sobretudo, com o *phármakon*, utilizado por cada protagonista, e da diferença discursiva que as distanciam. A partir de estudos históricos referentes ao trajeto das práticas religiosas realizadas pela Medeia euripidiana e Medea Mina Jeje, oriunda do Reino de Daomé, e das observações textuais sobre os elementos da natureza, que as duas personagens dominam, constituintes da arte da cura e do envenenamento, é desvendada uma nova e importante face desse mito, representada por uma mulher escravizada e preta, Medea Mina Jeje, que sacrifica seu filho aos Voduns para que ele não atravesse o mal da escravidão. As discussões e análises desenvolvidas terão o amparo do resgate mitológico produzido por Olga Rinne e Martha Robles, bem como o auxílio do termo *phármakon*, examinado por Jacques Derrida em *A farmácia de Platão*, e os estudos sobre o discurso na obra de Michel Foucault.

Palavras-chave: Medeia; Medea Mina Jeje; Magia; Phármakon; Discurso.

ABSTRACT

This article presents a comparative analysis between the characters Medea from the Greek tragedy written by Euripides and Medea Mina Jeje, from the play by Pará author Rudinei Borges dos Santos, considering their respective relationships with magic, especially with the *pharmakon*, used by each protagonist, and the discursive difference that distances them. Based on historical studies relating to the trajectory of religious practices carried out by the Euripidean Medea and Medea Mina Jeje, from the Kingdom of Dahomey, and textual observations on the elements of nature, which the two characters dominate, constituents of the art of healing and poisoning, a new and important facet of this myth is revealed, represented by a black enslaved woman, Medea Mina Jeje, who sacrifices her son to the Voduns so that he does not go through the evil of slavery. The discussions and analyzes developed will be supported by the mythological rescue produced by Olga Rinne and Martha Robles, as well as the help of the term *pharmakon*, examined by Jacques Derrida in *Plato's Pharmacy*, and studies on discourse in the work of Michel Foucault.

Keywords: Medea; Medea Mina Jeje; Magic; Pharmakon; Discourse.

SUMÁRIO

1	Considerações iniciais	6
2	Duas magas, duas histórias	7
3	O <i>phármakon</i> na magia	11
4	O discurso como essência da magia	13
5	Considerações finais	16
6	Referências	18

1 Considerações iniciais

Medeia, tragédia encenada em 431 a.C. e escrita por Eurípides (480 – 106 a.C.), é constantemente lembrada e analisada na história dos mitos e dos textos literários dramaturgicos. Isso explica a quantidade considerável de releituras e trabalhos existentes sobre a mãe que mata os próprios filhos ao ser repudiada pelo homem que a desposou. Textos como *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes; *Mata teu pai*, de Grace Passô e *Eu não vou fazer Medéia*, de Magne van den Berg, simbolizam tanto a presença acesa da protagonista em projetos artísticos atuais como evidenciam a representação plural que sua história proporciona.

Medeia é aqui associada à feiticeira que é, “em todas as tradições, [...] apresentada como conhecedora da arte de curar e dotada de inteligência superior” (Rinne, 2017, p.10). Essa característica de Medeia está atrelada ao seu poder de ter ciência sobre a propriedade de substâncias e dispor de entendimento para utilizá-las. A dualidade dos recursos que Medeia detém é aparente, uma vez que pode tanto fazer a princesa de Corinto sucumbir com o veneno, presente nos regalos enviados através de seus filhos, como praticar sua magia rejuvenescedora, uma das versões encontradas sobre o mito.

Na obra *A farmácia de Platão*, Jacques Derrida explica que “a essência ou a virtude benéfica de um *phármakon* não o impede de ser doloroso” (Derrida, 2005, p.46). *Phármakon* pode significar remédio, assim como pode denotar veneno. Portanto, Medeia possui conhecimento sobre elementos da natureza, que podem remediar ou ferir, e sobre o uso da palavra, capaz de auxiliar em objetivos que precisam ser alcançados, como transformar pensamentos, arruinar vidas e mudar possíveis destinos.

Contudo, quando Medeia é evocada, o pensamento é direcionado automaticamente à imagem da mulher branca, bem como à figura mística incomparável, poderosa e indomável da literatura grega. Ao elaborar o poema *Medea Mina Jeje*, criado para ser dramatizado, Rudinei Borges dos Santos subverte o mito e Medea, agora, é uma mulher escravizada e preta, trazida forçadamente do Reino de Daomé, mãe de um menino que será destinado a ser castrado e condenado a viver dentro da mina de extração de ouro mineira do século XVIII.

Enquanto a Medeia euripidiana tem a possibilidade do discurso, na medida em que busca concessões de poderosos e a empatia das mulheres de Corinto com suas declarações, Medea Mina Jeje tem a sua voz misturada com as palavras de Age, seu filho, e de Jazão, capitão-domato, o que ilustra a vivência a um só tempo afetuosa e torturante que une todos os seres

explorados, cada qual à sua maneira, reforçando o trecho do poema *Olhando no Espelho*, de Abdias do Nascimento, inscrito como epígrafe na apresentação de *Medea Mina Jeje* na coletânea *Dramaturgia Negra*: “éramos um só olhar nos papagaios empinados ao sopro fresco do entardecer” (Santos, 2018, p.372).

Concebendo a dimensão da história de Medeia, que gerou interpretações essenciais para novas representações teatrais e estudos literários, este artigo tem por propósito verificar as diferenças religiosas entre as duas feiticeiras, discorrer sobre o *phármakon* da Medeia euripídiana e da Medeia Mina Jeje, investigar a distinção discursiva que desiguala as duas mulheres e apresentar como, ao relembrar *Medeia*, de Eurípides, e elaborar *Medea Mina Jeje*, Rudinei Borges dos Santos confere dignidade à realidade de uma mãe preta e escravizada que sacrifica seu filho para que não sofra a tortura e, conseqüentemente, a morte no contexto escravocrata.

A análise desenvolvida tem o respaldo de investigações que relatam a ligação de Medeia com a magia da feitiçaria e de Medeia Mina Jeje com a espiritualidade do culto Vodum, presente no Reino de Daomé, Benim atualmente. Além disso, o trabalho terá o amparo do resgate mitológico produzido por Olga Rinne e Martha Robles, bem como o auxílio do termo *phármakon*, examinado por Jacques Derrida em *A farmácia de Platão*, e os estudos sobre o discurso na obra de Michel Foucault.

2 Duas magas, duas histórias

Muitas foram as interpretações e derivações surgidas a partir do mito Medeia desde a sua descrição original. Fato é que muitas características foram percebidas, agregadas, relidas ou criadas, mas todas elas perpassam pela maternidade, sabedoria, conhecimento, ação para atingir os seus objetivos, não sem conflito, e interação com a morte. Essa é a força do mito, elemento que até sofre influências, mas atravessa a história.

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. (Stigar, 2006, p. 3)

Eurípides utiliza o mito atemporal de Medeia como fonte para estruturar sua tragédia, encenada em 431 a.C. A feiticeira euripidiana agoniza diante do ultraje e da humilhação que sofre. É vista pelo povo ao seu redor como infeliz e irada, mas sua reputação é de sabedora, aquela que pode dar auxílio a qualquer pessoa com seu conhecimento. Possui filhos com Jasão, que são a via pela qual ela conquistará o seu objetivo principal: provocar o sofrimento de seu traidor, primeiramente pela morte da princesa Glauce, através dos presentes envenenados oferecidos por Medeia, ao entrarem em contato com seu corpo.

Antes da fatalidade, Creon enfrenta Medeia, exigindo que ela se retire de seu reino, visto que, para ele, a feiticeira apresenta risco à sociedade e à família do rei. A essa ordem, Medeia responde com o pedido de apenas um dia de espera, para que se prepare antes de deixar Corinto. Seu clamor esconde a necessidade de preparar o acontecimento que suprirá sua sede de justiça. Sua vingança consiste na morte de Glauce, e, conseqüentemente, atinge seus filhos, mortos pela própria mãe, a fim de que o traidor, Jasão, sofra com a aniquilação de sua descendência. A morte de Glauce atinge diretamente, também, o pai da princesa de Corinto, rei Creon, que tenta socorrer sua filha e é tomado pelas chamas do veneno.

Preliminarmente, importa destacar que Medeia possui poderes extraordinários, visto que “descende da antiga estirpe do Sol e da Lua” (Rinne, 2017, p. 23). Ela, na tragédia de Eurípides, aparece como neta do Sol, e faz questão de afirmar o poder de seu parente:

[...] Não encostarás em mim,
pois meu avô, o Sol, providenciou-me
a carruagem que afasta a mão hostil. (Eurípides, 2010, p.143)

Contudo, ela pode, também, ser o que restou de um dos fragmentos da Grande Deusa, de acordo com histórias antigas e relatos remotos a seu respeito. O fragmento que representa é o aspecto mais delicado e talvez polêmico hoje em dia, que é a morte, a ruptura, a finitude, mas também a transição. Por isso ela é detentora de um grande saber, do ponto de vista mítico, uma vez que entende que a vida não é formada de antagonismos, mas de dualidades que se complementam, como aponta Rinne (2017, p. 55).

Por outro lado, há a representação de Medea Mina Jeje, negra, oriunda do Reino de Daomé, trazida forçadamente do oeste africano para o trabalho escravo em Minas Gerais, que tem um filho prestes a ser inserido na mineração. Em relação a sua conexão com divindades, é perceptível que sua vida, mesmo que simbolicamente, está ligada diretamente aos Voduns, visto que é mãe de Age, nome que representa o “Vodum caçador, deus da mata” (Santos, 2018, p. 374). O altar que Medea possui, por exemplo, é constituído por um galho suspenso e seco de

árvore, local no qual a personagem presta culto aos Voduns. Unindo-se ao altar, citado logo nas rubricas iniciais do texto, as palavras que Mina Jeje repete durante a peça constroem um processo cíclico, concebendo a própria existência de seus dias como uma oração.

Observando a linhagem com seres divinos e os costumes das personagens, que se assemelham pela ascendência sobrenatural e pelo modo como vivem, é possível captar suas ligações com termos conhecidos relativos à magia: bruxa e feiticeira. Bruxa, na cultura ocidental, foi transformada em um arquétipo criado para ser temido e afastado, justamente por enfrentar os limites impostos pela Igreja Católica na Idade Média:

Todavia, nem todos os grupos sociais se sujeitaram aos rigores da moralidade cristã e ao controle da ordem feudal. Alguns grupos, ao resistirem, chegaram a afrontar à Igreja e à Nobreza com a proposição de representações que entravam diretamente em contradição com a ideia de trabalho e as práticas religiosas do mundo feudal, chegando mesmo a criar uma outra representação da noite e da vida noturna que as tornava positivas. As bruxas estavam entre os primeiros grupos que criaram uma representação positiva da noite, privilegiando-a como o momento especial para os rituais que elas praticavam nas florestas. (Solares, 2000, p. 48)

A presença da feiticeira em produções artísticas, sobretudo literárias, sofreu alterações que mancharam um modo de viver natural e importante na história. A feiticeira, distante de julgamentos fundamentalistas, também é essencial para compreender a relação de mulheres com a magia, já que utiliza elementos e instrumentos para seu ofício mágico, realizado de forma racional. Entretanto, as definições que resguardam essas pessoas, ligadas à magia, é difícil de determinar. Logo, faz-se necessário acolher a percepção de Renate Brigitte Viertler, especialista em Antropologia Social:

Interessante é ressaltar que o estudo da feitiçaria envolve o recorte da realidade e a seleção de dados de um modo tal que, quanto maior a familiaridade do pesquisador com a cultura em questão, maior a dificuldade que este terá em definir aquilo que corresponderia a este "sistema de feitiçaria". [...] a feitiçaria não constitui um subsistema da sociedade considerada, mas sim um modo de encarar os dados etnográficos sob uma perspectiva peculiar, de uma maneira tal que tudo pode ser visto como fazendo sentido dentro dela. (Viertler, 1981, p. 313)

Além disso, há ecos do conflito entre o pensamento cristianizado do ocidente, que constitui-se de uma visão própria de soberania sobre outras culturas (Rinne, 2017, p. 100), e a crença de povos africanos. Enquanto o modo de pensar ocidental é formado pela exploração do outro para a manutenção do poder; o pensamento africano, canalizado por Mina Jeje, preza o cuidado. O embate é claro quando o cristianismo, fortemente presente na formação do estado mineiro, entra em contato com a percepção espiritual de Medea Mina Jeje. Ela, que carrega o culto Vodum trazido do Reino de Daomé, diz o nome de elementos da Igreja Católica junto a instrumentos de trabalho e tortura:

[...]
 Vira-mundo,
 [...]
 Balaústre,
 Prumos,
 Pias d'água benta,
 Âmbula,
 Chapéu de clérigo,
 Batina,
 Relógio de caixa alta,
 Almofarizes,
 Pelicano eucarístico,
 Anjo toalheiro,
 Ofício da semana santa,
 Ostensório,
 Urna dos pré-santificados,
 Oratório, [...] (Santos, 2018, p. 378)

Esse atrito expõe os efeitos de prescrições de constituições diocesanas da época, orientando o “ensino da doutrina cristã como uma das obrigações dos proprietários de escravos, havendo pressão pelo seu batismo compulsório e catolicização” (Rodrigues; Maia, 2023, p. 88). Portanto, é de total importância compreender que o pensamento filosófico, essencialmente atuante no contexto social, influencia diretamente a forma espiritual que as duas personagens vivenciam. Enquanto Medeia, feiticeira, expõe seus feitos e cita despidoradamente deuses e deusas que constituem o panteão grego; a representação da bruxa, manifestada em *Medea Mina Jeje*, cita os Voduns de forma sutil, pois estão naturalmente presentes em seu modo de viver, propiciando a incorporação de seu saber espiritual em seu cotidiano, relatado por Jazão:

Medea cura, com erva, aleijões. Dores adentro.
 Medea coze o de comer pouco
 – pirão de farinha.
 Lava tacho no córrego.
 Lava indumento no córrego.
 Medea carrega cântaro d'água na cabeça,
 Medea carrega água dia todo. (Santos, 2018, p. 378 – 379)

Medeia, de Eurípides, utiliza os elementos da natureza, a conexão com o campo divino e suas palavras como elementos de feitiço, unidos conscientemente para um fim. Medea Mina Jeje é diferente. Sua realidade é a de uma bruxa. Suas ações, em relação ao uso de magia, não são lógicas, pois constituem seu modo inconsciente de existir, seja pessoalmente ou em sociedade. Ao mesmo tempo, Mina Jeje é consciente da ação fatal que pratica, o ato de tirar a vida de seu filho, mas sua percepção de transição da vida para a morte é intrínseca à espiritualidade que a constitui. Não é um ato forjado, é sua própria vida acontecendo.

Medea Mina Jeje distancia-se da prática mágica da Medeia euripidiana, pois, ao invés de matar por paixão, sacrifica seu filho por amor, sabendo que forças sistemáticas e estruturais

irão machucá-lo. Medea grita a morte de seu filho, mas sabe que é preciso entregá-lo ao reino sagrado, concedendo dignidade à sua existência. O filho não somente é morto, mas entregue de volta aos Voduns, através do ritual de invocação de seus nomes. Assim, Medea resgata a contemplação de todas as fases da existência que a Grande Deusa, cultuada antes das divisões de crenças, acolhe. Mina Jeje sacraliza, desse modo, o início, o meio e o fim da vida de seu menino.

3 O *phármakon* na magia

Analisar os elementos que unem e separam as práticas mágicas das duas personagens requer a compreensão de como realizam sua magia e através de quais meios. Além de possuírem um elo com o espaço divino, utilizam ervas em seus ofícios e costumes. Pode-se depreender que tais substâncias, encontradas na natureza, são fármacos, pois possuem propriedades que influenciam no funcionamento do organismo de pessoas. Aqui, é trazido o estudo elaborado por Jacques Derrida, presente em *A Farmácia de Platão*, obra na qual o autor busca decifrar a substância nomeada como *phármakon*:

A tradução corrente de *phármakon* por *remédio* — droga benéfica — não é de certa forma inexata. Não somente *phármakon* poderia querer dizer remédio e desfazer, a uma certa superfície de seu funcionamento, a ambigüidade de seu sentido. [...] Contudo, a tradução por "remédio" desfaz, por sua saída da língua grega, o outro pólo reservado na palavra *phármakon*. Ela anula a fonte de ambigüidade e torna mais difícil, senão impossível, a inteligência do contexto. (Derrida, 2005, p.44)

Dessa forma, *phármakon* abriga a dualidade de um medicamento. As ervas, responsáveis pela cura de doenças e amenização de enfermidades, podem também ser usadas de forma antiética, levando pessoas a complicações de saúde, inclusive, à morte. O mito de Medeia, que precede a feiticeira euripidiana, representa altamente o conhecimento dos fármacos, essenciais em sua feitiçaria. Em uma de suas aparições na literatura, utiliza partes de uma planta para realizar a feitura de um unguento, como quando auxiliou Jasão em sua missão de conquistar o velocino de ouro.

Ao escutar as exigências de Eetes para entregar o tosão de ouro e receber de Jasão a promessa de que, em nome de todos os deuses, lhe seria fiel por toda a eternidade, Medeia preparou um unguento com o sumo cor de sangue do açafraão de caule duplo que, esfregado durante um dia no corpo de Jasão, em seu escudo e em sua lança, protegê-lo-ia dos touros no bosque sagrado de Hefestos, de tal modo que não poderia ser ferido pelo aço nem pelo fogo. (Robles, 2022, p. 149)

Para conceder auxílio à missão de Jasão, Medeia utiliza a sabedoria própria para ajudá-lo a vencer as etapas de sua empreitada. Contudo, a noção que a neta do Sol possui sobre tais substâncias naturais permite a ela que, pensando na traição que sofreu, use as ervas como veneno contra a filha do rei Creon também. O *phármakon* é remédio, mas dependendo da quantidade recebida pelo organismo, seus efeitos podem ser variados, e aquilo que poderia ajudar na continuação da vida, encerra-a.

Diferente da Medeia euripidiana, que ao invés de matar seus filhos com o uso de plantas, assassinou-os com um tipo de espada; Medea Mina Jeje causa a morte de seu filho ao fazer com que ele mastigue certas ervas do campo rupestre. A aplicação do *phármakon* é realizada, então, de formas distintas por cada uma das protagonistas. Sabe-se que, na cultura relacionada às feiticeiras e às bruxas, o uso de ingredientes é importante para a realização de um feito. Medeia utilizou tais elementos para conseguir, inclusive, o que era considerado impossível, a captura do velo pandourado, conquista que reforça a especificidade de seu caráter, exposto à população.

Em contraposição, Mina Jeje “guarda erva escondida na parede de taipas” (Santos, 2018, p. 378), ato justificado pela situação abusiva que sofre na escravização, levando-a a manter seus conhecimentos em segredo. Seu entendimento possibilita realizar a passagem de seu filho da vida para a morte por meio das ervas. Assim, Medeia iguala-se à Medeia euripidiana, pois possui conhecimento sobre as plantas, mas, diferente da feiticeira, não alinha essa prática ao campo sobrenatural, a não ser quando entra em contato com os Voduns.

Aqui, percebe-se um elemento que tem extrema importância na construção de cada uma das personagens e que assume a forma de ingrediente para a feitura de magia: a comunicação com os deuses. Medeia, de Eurípides, “evoca o testemunho dos divinos” (Eurípides, 2010, p. 25), como afirma a Nutriz, que presencia os momentos coléricos de sua ama. Ao chamar os deuses, para que acompanhem seu discurso, e testemunhem seu sofrimento, Medeia usa a presença desses seres superiores para validar sua conduta, uma vez que existências divinas são feitas de ambiguidades.

Magna Têmis, Ártemis augusta,
notai o que padeço,
eu que me vinculei com juras magnas
a um horror de homem!
Ainda me seja dado vislumbrá-lo,
a ele e à sua donzela,
ambos derruídos no castelo! (Eurípides, 2010, p. 39)

Em oposição à Medeia, Mina Jeje não utiliza a invocação dos deuses como instrumento mágico, mas como estabelecimento de um contato natural e diz os nomes de Voduns após a

morte de seu filho, Age. Ela não faz uso de sua ligação sobrenatural com os Voduns para benefício próprio, racionalizando a concepção de poder que as deidades possuem. Sua ação faz parte do processo sacralizador de transição entre os diferentes mundos pela qual seu filho passará.

Ao mesmo tempo, as duas precisam discursar, ou seja, dizer as palavras com sentido específico, para obter êxito em suas práticas. A Medeia euripidiana se vale da persuasão através da fala. Suas palavras mudam a decisão de rei Creon, que concede a ela mais um dia de preparo antes de se retirar do reino, encontram refúgio em Egeu que, convencido de que a feiticeira permitirá a geração de sua descendência, abre espaço para acolhê-la em Atenas após sua expulsão de Corinto, e induzem Jasão ao convencimento de sua tristeza e arrependimento em relação às ofensas feitas a ele (Eurípides, p. 57, p. 91, p. 105 – 111).

Logo, as duas portadoras de magia utilizam diversos meios para realizarem suas ações, incluindo ervas, invocação de deuses e o ato de falar. Contudo, diferenciam-se no modo como presentificam tais componentes em seus ritos, sobretudo o discurso, permitido à Medeia euripidiana e recusado à Medea Mina Jeje que, quando comunica-se e utiliza palavras, não pode transformar a realidade tirana e opressora que se faz sistematicamente presente.

4 O discurso como essência da magia

Sabendo que o discurso é um instrumento inevitável de magia, Medeia justifica suas atitudes e sentimento a partir do uso de palavras. A organização de seu pensamento, transmitida ao povo e às personagens masculinas da peça, é seu discurso, elemento que a feiticeira, por direito, pode explanar a outras personagens da tragédia. Assim, pode utilizá-lo como instrumento de comunicação e, também, como *phármakon*, essencial para seu conjuro.

Em contrapartida, Medea Mina Jeje é oprimida pelo sistema escravocrata mineiro do século XVIII. A mãe de Age, preta e escravizada, não possui confidentes, pessoas para pedir alguma interferência de ação contra a mineração, que precisa de meninos pretos castrados que enfrentarão condições desumanas dentro das minas e, conseqüentemente, morrerão. Quando Medea encontra Jazão, capitão-do-mato, apenas constata que o fim de seu filho é indeclinável:

Amanhã na primeira hora
Amanhã vão castrar menino.
Jazão me diz que maior castigo

A ser oferecido ao menino
 É viver vida toda
 Dentro da mina
 Feito um bicho que cava terra
 Sem que tenha filhos
 Tão altos como Age alto (Santos, 2018, p.384)

Medea Mina Jeje não tem o direito de utilizar o discurso como instrumento mágico de forma ampla. Por mais que Mina Jeje tente recordar a preciosidade de seu filho durante a peça, sabe o quão inarredável é o destino desumano de sua criança. Sua voz só realiza mudanças quando invoca os Voduns, trazendo-os para o seu próprio espaço, realizando o sacrifício de Age.

De maneira oposta, Medeia, de Eurípedes, tem a possibilidade de estabelecer contato com pessoas importantes para conduzir o processo que planeja. Conversa com Jasão, Egeu e Creon, além de ter o amparo de um coro que, mesmo desconsiderado certas vezes pela feiticeira, faz conselhos a ela quando pode. Quando Medeia, por exemplo, entra em conflito consigo mesma, seus dizeres são ouvidos pelo mesmo coro que, apesar de repudiá-los, escutam a criação discursiva de Medeia em sua totalidade.

Pensando que Medea Mina Jeje inspira-se não somente em aspectos óbvios da protagonista euripidiana, como a maternidade e o assassinato de quem gerou, há o momento em que Medea ouve vozes aconselhando a ela que mate tanto os meninos que serão forçados ao horror do sofrimento gerado pelo trabalho escravo na mina, como Jazão, aquele que se une às forças de poder para obter prestígio e segurança.

Põe erva na boca doutros meninos,
 Medeia,
 Põe erva na boca dos meninos que vão nascer.
 Põe erva na boca de Jazão, capitão-do-mato.
 Mata Jazão também.
 Mata, Medeia. (SANTOS, 2018, p. 384 – 385)

Medea Mina Jeje, então, ao não conseguir modificar a realidade assustadora que se aproxima à sua criança, diz suas palavras durante a tecitura do texto. O filho de Medea, Age, nome que faz referência ao vodum senhor das matas, cultuado no oeste africano, é constantemente proferido por ela, que apresenta, em sua narração, a fragilidade e pequenez de sua criança (Santos, 2018, p. 374), que não compreende ainda o horror que o aguarda adiante.

A partir disso, vale ressaltar os estudos feitos pelo filósofo francês Michel Foucault, que explica: “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história” (Foucault, 2008, p. 144). Quando Medea Mina Jeje não tem a possibilidade de dizer sua história para as

personagens do texto dramaturgico, as pessoas expostas à sua triste situação são aquelas que entram em contato com o poema: os leitores e/ou espectadores. Por mais que não se direcione a eles diretamente, é através da leitura de seu texto ou de sua encenação que sua existência é percebida, e sua história não deixa de ser contada. Como expõe Foucault, na obra *As palavras e as coisas* (1995, p. 56 apud Peres & Almeida Filho, 2005, p. 281):

[...] As palavras e as coisas é o título - sério - de um problema; é o título - irônico - do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente que consiste em não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações) mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas [...] é esse mais que é preciso fazer aparecer e é preciso descrever.

As palavras angustiantes de Medea são escutadas principalmente pelo leitor. Outras pessoas que estão diante das palavras de Mina Jeje são Jazão, capitão-do-mato, e Age, seu filho. Entretanto, são duas personagens que não a auxiliarão em nada na possível alteração de caminhos traçados por elas. O leitor sabe que Medea pede a seu filho que corra rapidamente, assim que houver oportunidade, para fora do espaço que oferece perigo a ele, assim como percebe que ela enfrenta Jazão, na esperança de, ao menos, deixar claro que seu filho pode escapar em direção ao mar revolto.

Assim sendo, Rudinei Borges dos Santos, autor de *Medea Mina Jeje*, é o responsável para que a mãe de Age seja escutada. Na literatura, as vozes silenciadas, devido à problemática social do racismo, que desprivilegia a representação de vidas não-brancas, são resgatadas e iluminadas. Desse modo, “a literatura vem como um exemplo desse processo, pois, ao dar voz aos africanos, possibilita que eles próprios contem a sua versão da história” (Orsi, 2016 p.9).

Ao dar espaço para a presença de uma mulher apagada pela história, através de um mito e uma tragédia supervalorizados pelas análises literárias, o autor paraense dá a ela o direito ao discurso. Medea pode não conseguir mudar o destino da forma como gostaria, mas concede ao leitor a poesia de sua vida e, conseqüentemente, a beleza de seu filho, Age, mesmo perante a dor implacável. Mina Jeje, agora, existe e faz-se presente, pois teceu sua história e sua voz é escutada dentro da eternidade que a literatura assegura.

5 Considerações finais

Diferente da Medeia euripidiana, Medea Mina Jeje não está possuída de fúria causada pela perfídia, mas de dor, pois reconhece o destino inarredável da castração e da morte penosa que seu filho sofrerá. Isto posto, as protagonistas de cada texto são portadoras de sabedoria ampla, de ligação direta com o campo divino e precisam agir diante de um ultimato. Enquanto Medeia clama por um dia a mais para Creon, rei de Corinto, para que possa sair do reino com segurança, obliquidade para preparar sua vingança que, por consequência, afetará seus filhos; Medea Mina Jeje prepara o filho para a possibilidade de fugir rapidamente daquele espaço de exploração e tortura. Portanto, seria necessário que Age corresse o mais rápido possível e na hora certa para que não fosse capturado pelos cães de caça de Jazão, capitão-do-mato.

Vale ressaltar que a forma como as duas protagonistas praticam a magia é distinta, inclusive a aproximação principal que Medea Mina Jeje faz com a outra Medeia, diante de tantas diferenças, é a invocação de divindades. Todavia, Mina Jeje está conectada à naturalidade desses elementos. Seu uso difere-se do manuseio dos instrumentos de Medeia a partir do momento em que, enquanto a feiticeira utiliza os ingredientes de que dispõe com a finalidade de produzir sortilégios, Medea Mina Jeje pratica seus ritos de forma natural, sendo assim, parte estrutural de sua cultura e dia-a-dia.

O *phármakon*, primordial para a magia das duas personagens, é um elemento que pode ser remédio, mas em quantidades diferentes, caracterizar-se-á como antídoto ou veneno, denotando, também, instrumentos manipulados fundamentais para entender seus encantamentos. Além de ingredientes ingeríveis, o *phármakon* de Medeia pode ser tanto o contato com os deuses como a comunicação com outras pessoas. A invocação de deuses é um instrumento vital para o feitiço de Medeia, e o discurso comprova-se, também, como um de seus *phármakons* principais. Desse modo, o uso de palavras é essencial para que a feiticeira alcance o que deseja.

Por outro lado, Medea Mina Jeje não pode utilizar o discurso como utensílio mágico, uma vez que, para mudar a realidade, não é escutada por quem pode ajudá-la a mudar o destino de sua criança. O que resta, para Mina Jeje, é dar fim à vida de seu filho e oferecê-lo aos Voduns, que certamente o acolherão melhor que o destino de tortura do cenário escravocrata. Com isso, o efeito implicado pela versão insurgente de Rudinei Borges dos Santos, que ilumina a vida esquecida ou esmaecida pela História, de uma mãe negra que sacrifica seu filho a fim de que

ele encontre repouso na companhia dos Voduns, é oportuno e eficaz, pois resgata e amplia a voz e os pensamentos integrados no grito de uma mãe preta.

Referências

- DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo. Iluminuras, 2005.
- EURIPIDES. **Medeia**. Trad. Trajano Vieira. 1 ed. São Paulo. Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2008.
- ORSI, Lucas Kammer. Dar voz por meio da ficção: o uso da literatura no ensino de história – um estudo de caso. In: PIVA, André Vinicius D.; MOREIA, Igor Lemos; ORSI, L. K. **Imperialismo na virada do século XX: reflexões sobre a prática docente em história da África e Oriente Médio**. Florianópolis, 2016. Disponível em <https://lehca.paginas.ufsc.br/files/2017/08/relat%C3%B3rio-final-est%C3%A1gio-curricular-hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em 11/12/2023
- PERES, Maria Fernanda T.; ALMEIDA-FILHO, Naomar Monteiro de. **A nova psiquiatria transcultural e a reformulação na relação entre as palavras e as coisas**. Interface - Comunic., Saúde, Educ. v.9, n.17, p.275-85, mar/ago 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-32832005000200005>. Acesso em 11/12/2023.
- RINNE, Olga. **Medeia: a redenção do feminino sombrio como símbolo de dignidade e sabedoria**. Trad. Margit Martincic, Daniel Camarinha da Silva. 2 ed. São Paulo. Cultrix, 2017.
- ROBLES, Martha. **Mitos, mulheres e deusas**. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. 4 ed. São Paulo. Goya, 2022.
- RODRIGUES, Aldair; MAIA, Moacir. (Org.). **Sacerdotisas voduns e as rainhas do Rosário: Mulheres africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII)**. São Paulo. Chão Editora, 2023.
- SANTOS, Rudinei Borges dos. Medea Mina Jeje. In: LIMA, Eugênio e LUDEMIR, Julio (Org.). **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.
- SOLARES, Luiz Carlos. **Por uma genealogia da noite na cultura ocidental**. Diálogos Latinoamericanos, (1),46-58. Aarhus Universitet. Dinamarca, 2000. ISSN: 1600-0110. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16200106> Acesso em 11/12/2023.

STIGAR, Robson. **Mito e Mitologia nas aulas de Ensino Religioso**. Curitiba: GPER, 2006.
Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos2/mito_e_mitologia.pdf. Acesso em 11/12/2023.